

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

MESTRADO EM ANTROPOLOGIA (ECSH)

UNIDADE CURRICULAR: Elaboração de Projeto em Antropologia

Título: *Envelhecer no palco:*

Subtítulo: *O corpo do ator na 'sociedade do espetáculo'*

DOCENTE: Professor Doutor Francisco Oneto

DISCENTE: Maria de Fátima Alves Gomes de Vasconcelos - nº 83369

Lisboa

junho de 2018

Título: *Envelhecer no palco:*

Subtítulo: *O corpo do ator na 'sociedade do espetáculo'*

Campos de debate mobilizados:

A área que é mais imediatamente convocada para esta pesquisa é a *Antropologia do Envelhecimento*. Esta área específica da antropologia tem contribuído amplamente para a compreensão da experiência do envelhecimento, procurando analisar a forma como a cultura encara o envelhecimento através de diversas perspetivas: económica, social, política e ideológica (Kaplan, 2012), ou encontrando novas possibilidades de olhar este fenómeno, alargando o espectro de análise às representações da idade nos diferentes *media*, entre outras.

Sumário:

Esta investigação pretende ser uma abordagem ao corpo do ator procurando esclarecer as implicações da transformação física inerentes ao processo de envelhecimento na sociedade contemporânea. No contexto do teatro a questão reveste-se de particular pertinência já que, no palco, o ator tem o seu corpo exposto e vulnerável perante o olhar dos outros - a performance que se desenrola no palco não é suscetível de ser editada ou repetida - confrontando-se a si e ao seu corpo com o público.

A 'Companhia Maior' surge como um grupo de estudo privilegiado: uma companhia profissional de teatro com a marca distintiva de os seus elementos, todos com mais de 60 anos, terem tido a sua vida ligada a vários tipos de performance e, ao formarem esta companhia, optaram por continuar em cima do palco.

Do ponto de vista metodológico, este trabalho assentará numa abordagem etnográfica junto dos membros desta companhia de teatro com o propósito de acompanhar este grupo e, através das histórias de vida dos seus elementos, poder apreender a forma como lidam(ram) com os constrangimentos impostos pelo processo natural de envelhecimento nos seus desempenhos artísticos.

Palavras-chave:

Corpo; Ator; Envelhecimento; 'Sociedade do Espetáculo'.

Questão de partida:

Em termos gerais, a questão central deste projeto assenta na compreensão da forma como o ator integra no seu trabalho o processo natural de envelhecimento a que o seu

corpo está sujeito. Numa época muito marcada pelo culto das celebridades, pela intensa difusão de imagens espetacularizadas, os *media* são responsáveis pelo exagero sensacionalista do domínio das imagens (Chambers, 2012). Debord fez notar os efeitos alienantes desta sociedade do espetáculo.

De um modo mais particular, pretende-se conhecer a forma como os atores de teatro da 'Companhia Maior', cujo ofício está sujeito a grande exposição física, vivenciaram esse envelhecimento. "O fato de vivermos dentro de um certo corpo material afeta profundamente o nosso leque de escolhas, as responsabilidades que podemos assumir e a maneira como nos vemos" (Holstein e Minkler, 2007), ganhando especial interesse conhecer estes atores, cujo processo de envelhecimento acontece em condições de grande exposição. Assim, definiu-se como questão de partida para o presente estudo: De que forma os atores se posicionam perante o processo de envelhecimento e de transformação física a que os seus corpos estão sujeitos no desempenho do seu trabalho?

Questões de investigação:

Impõem-se algumas questões ao falar de corpo, atores e envelhecimento. Logo à partida, é preciso esclarecer: - **como é que estes atores vêem o seu corpo?** De acordo com Kaplan (2012), "O processo de envelhecimento pode alterar o modo como o presente e o passado é experienciado, podendo isto ainda ser diferente de pessoa para pessoa." Quando somos levados a refletir sobre o passado, somos também impelidos a uma reflexão sobre o presente e a projetar o futuro. Por isso, há também que questionar: - **Como é que o ator percebe e se posiciona entre o seu corpo passado e presente?** "O que a memória preservou do passado é apenas uma parte do que nós realmente experimentamos" (Randall e McKim, 2008). A memória autobiográfica expande-se simultaneamente entre as três dimensões temporais: passado, presente e futuro.

Ao falar de envelhecimento, ainda que podendo dispor de variados ângulos de análise, existe uma evidência incontornável que é a do declínio físico. Frequentemente sugere-se que o envelhecimento de sucesso é o que decorre com saúde. Por isso também se impõe perguntar: - **Em que dimensões do corpo se manifestam mais alterações com impacto significativo para o desempenho da profissão (memória, resistência física, aparência...)?** No entanto, defendendo o ponto de vista de Holstein e Minkler (2007), "A saúde é, sem dúvida, fundamental, mas é um meio e não um fim." Noções

de envelhecimento saudável ou ativo, contêm padrões normativos implícitos que em última análise desvalorizam os que não se integram neles.

Considerando a imagem corporal como situada, produto de uma negociação entre a percepção e internalização de ideais de beleza vigentes, ideais de beleza individuais, imagem corporal e posição social, para as mulheres este processo é particularmente severo: "desde cedo as mulheres aprendem que a sua aceitação social decorre da habilidade de alcançar e manter-se próxima de uma aparência feminina privilegiada" (Clark, 2011). Neste cenário, a categoria de classificação de beleza feminina mais restritiva é a idade. É a idade do corpo que entra em conflito com a representação cultural de beleza feminina. Social e culturalmente, mulheres mais velhas encontram-se mais vulneráveis à discriminação por pertencerem simultaneamente a dois grupos sociais marginalizados: são 'mulheres' e são 'velhas'. Referindo Clark (2011), "de facto, as mulheres têm mais probabilidade de serem discriminadas pela idade do que os homens". Por isso, faz sentido questionar: - **Homens e mulheres atores olham, usam o corpo e vivem as suas transformações de forma diferente no exercício da profissão?**

Ainda podemos olhar para a questão do envelhecimento do ator de teatro através da análise da noção de 'espetáculo': - **O teatro distingue-se de outras formas de performance mediatizadas no modo como integra o processo de envelhecimento dos atores no seu trabalho?** Ou seja, perante o dado sociodemográfico que é envelhecimento da população ocidental, os *media* intensificaram uma "cultura de consumo anti-envelhecimento" (Clark, 2011), o cinema, a televisão, a publicidade, espetacularizaram em imagens uma antipatia generalizada pelos corpos envelhecidos.

Estado da Arte:

A problemática central deste trabalho, o envelhecimento do corpo num grupo muito específico que são os atores, aponta fundamentalmente para três aspetos: 1. no teatro o corpo do ator é um recurso amplamente mobilizado - o corpo do ator como uma ferramenta de trabalho sempre em evidência; 2. o corpo como um lugar onde o envelhecimento regista a sua marca - é o lugar onde o envelhecimento se dá a ver, sendo uma evidência transversal a todas as épocas e a todas as culturas; 3. o envelhecimento como processo que percorre toda a trajetória da vida em paralelo com estereótipos culturais, resultando daí diferentes reações ao peso das culturas e das sociedades - dimensão social e cultural que está presente no trabalho dos atores.

Para além dos autores referidos na secção anterior, seguem-se outros que nos fornecem enquadramento teórico para estes aspetos. A ideia de Erving Goffman (1922-1982), de que na vida quotidiana somos todos atores e espetadores, torna o tema do corpo duplamente significativo nesta pesquisa. A compreensão do corpo próprio e individual de cada um, enquanto sujeito ao processo de envelhecimento, já por si, representa "facto social académico" (Almeida, 1997), sendo o tema do corpo e da incorporação hoje recorrentes na antropologia contemporânea. Por outro lado, existe neste trabalho um outro nível de análise do corpo, numa classe profissional que vive da exibição performativa desse corpo. Goffman em "*A apresentação do eu na vida de todos os dias*" (1993), salienta os aspectos performativos e teatrais da interação humana quotidiana e explica a interação social como uma performance: "toda a atividade de um indivíduo que ocorra durante um período marcado pela sua presença contínua mediante um conjunto de observadores e a qual possui alguma influência sobre os mesmos" (Goffman, 1993). Também Victor Turner e Schechner, no trabalho desenvolvido em conjunto na área dos estudos da performance, chamaram a atenção para a importância da incorporação nos processos performativos e, na antropologia, para uma compreensão incorporada dos outros. Mauss (1872-1950) já havia mostrado que o corpo é a ferramenta original com que os humanos moldam o seu mundo, mas ele é também a substância original a partir da qual o mundo humano é moldado.

George Lakoff (1941) e Mark Johnson (1949) nas obras "*Philosophy in the flesh. The embodied mind and its challenge to western thought*" (1999) e "*Metaphors we live by*" (2003), apresentam o corpo como simultaneamente um instrumento com que se molda o mundo e a substância a partir da qual, por usos metafóricos e metonímicos, se entende o mundo: realçaram a importância das metáforas, não apenas como um recurso linguístico, mas na forma como o nosso pensamento conceptual é estruturalmente metafórico e como estas estão ancoradas na nossa experiência física, no corpo, que estabelece a delimitação entre nós e o mundo onde nos movemos e sobre o qual pensamos. O nosso corpo é como um recipiente e enquanto tal é o referencial em função do qual percecionamos o mundo: "como criaturas incorporadas, imaginativas, nunca estamos separados ou divorciados da realidade" ("*Philosophy in the Flesh*", 1999).

Existe também um papel que é desempenhado pela memória na passagem do tempo sobre o nosso corpo, sendo imperativo pensar no seu papel no processo de envelhecimento. Referindo Connerton (1940), em "*How Societies Remember*" (2014),

este afirma que o passado é preservado na nossa mente através da memória que se encontra estabelecida no nosso corpo. Os gestos de um corpo têm o dom de evocar memórias, sendo o ato de representação uma forma de recordar: podemos deliberadamente preservar o passado, sem o expressarmos em palavras, mas no nosso corpo. "A nossa memória corrente está sedimentada no corpo" (Connerton, 2014). Maurice Halbwachs (1877-1945) em "*Marcos sociais da memória*" (2004), dedica um capítulo à análise da memória na pessoa envelhecida e à nostalgia do passado. De onde vem o sentimento de nostalgia? pergunta o autor. A sociedade atribui aos mais velhos a função de conservar as marcas do passado, encoraja-os a dedicar o que lhes resta de energia vital e espiritual a recordar pois encontram-se numa posição privilegiada para pensar sobre o passado: uma vez que estão cansados da ação, os acontecimentos passados reaparecem - reaparecem porque nunca deixaram de estar em cada um. "Não apenas os velhos, mas todos os homens (desigualmente, desde logo segundo a idade, o temperamento, etc.) adotam instintivamente, em relação ao tempo percorrido, a atitude dos grandes filósofos gregos que apontam a idade de ouro, não no final do mundo, mas sim no começo" (Halbwachs, 2004).

David Le Breton (1953) em "*Anthropologie du corps et modernité*" (2013) e "*L'adieu au corps*" (2007), analisa as consequências da modernidade na corporeidade. O corpo é visto como uma construção social e cultural, uma matéria simbólica, objeto de representações e de imaginários. A modernidade elaborou o corpo como um limite para distinguir cada indivíduo de si mesmo, dos outros e do universo, encerrando o sujeito em si mesmo e aumentando a responsabilidade do indivíduo para com o seu próprio corpo. "A contemporaneidade erige o corpo em realidade em si, em simulacro do homem através do qual é avaliada a qualidade da sua presença e a imagem que cada um entende dar aos outros; as sociedades modernas sacralizam o corpo como emblema de si" (Le Breton, 2007).

Guy Debord (1931-1994), na sua obra "*Sociedade do espetáculo*" (2012), fornece um dos conceitos centrais neste trabalho. Nela tece uma feroz crítica do capitalismo e não, como poderia sugerir o título, uma análise das artes do espetáculo; a ambiguidade do título conduziu o seu editor inicial a não gostar da designação, por acreditar que ela iria induzir os leitores a pensar que se trataria de um livro sobre o teatro... À época poucos imaginariam como esse conceito marcaria o pensamento produzido sobre a pós-modernidade, sendo objeto de apropriação generalizada e recuperado nos discursos políticos e estético-culturais. Em Debord o "espetáculo" tem várias definições que remetem de forma mais ou menos direta para uma crítica do

mundo capitalista atual. A ideia de espetáculo proposta pelo autor nesta obra de referência, não é um conjunto de imagens, mas a relação social entre as pessoas, mediada por imagens. Quer seja através da informação, da propaganda, da publicidade, ou da indústria do entretenimento, o espetáculo é a irrealidade da sociedade real, servindo de modelo da vida socialmente aceita. O espetáculo conduz à separação: no espetáculo “tudo o que era diretamente vivido afastou-se numa representação”. Na sociedade capitalista quanto mais consome, mais o homem está separado da sua vida. "O espetáculo é o capital a um tal grau de acumulação que se torna imagem". (Debord, 2012). Depois de Debord muitos autores questionaram a situação existencial na pós-modernidade. Indicamos apenas alguns mais relevantes para esta pesquisa: Dany-Robert Dufour em ‘*L’art de réduire les têtes. Sur la nouvelle servitude de l’homme libéré à l’ère du capitalisme total*’ (2003) que reflete sobre as identidades flutuantes, surgindo o corpo como "símbolo de identidade", sendo o trabalho das aparências um trabalho de identidade. Jean Baudrillard (1929-2007) em "*Simulações e Simulacros*" e "*A sociedade de consumo*" analisa as formas de espetáculo na contemporaneidade, que vão dos hipermercados aos acidentes nucleares. A ideia de simulação está presente na ilusão que cada um tem acerca de ser dono do seu destino, quando na verdade se move em cenários, todos eles, orquestrados. O poder dos *mass media*, transformou a intimidade dos outros num produto de consumo. Diz-nos o autor, "os simuladores atuais tentam fazer coincidir o real, todo o real, com os seus modelos de simulação." (Baudrillard, 1991). Zygmunt Bauman (1925-2017) em várias obras, como por exemplo “*Modernidade e ambivalência*” ou “*A arte da vida*” acrescenta a noção de "modernidade líquida" para a compreensão da situação em que o homem se encontra no mundo atual onde todas as referências sólidas se desvaneceram. O que é objeto de desejo num dia, é lixo no dia seguinte. "Os ocupantes desse mundo de fantasia estão cientes de que nunca terão o bastante, ou na verdade, um volume suficiente de coisas bastante boas para estarem a salvo. O consumo não leva à certeza e à saciedade. O bastante nunca bastará." (Bauman, 2017).

Jankélévitch e Marc Augé fornecem-nos também pistas para a compreensão do envelhecimento. Em “*La mort*” Vladimir Jankélévitch (1903-1985) define a morte como uma experiência-limite, uma experiência de que não temos verdadeiramente a experiência, que ao interromper o fluxo da vida, esse instante-limite, introduz uma rutura no meio da vida, na totalidade dos instantes: cada um deles coloca-nos no fio da navalha, entre o ser e o não-ser. Em "*Une Ethnologie de soi. Le temps sans âge*"

reafirma Marc Augé (1935) "cada um, mais tarde ou mais cedo, é levado a interrogar-se sobre a sua idade (...) e a tornar-se assim o etnólogo da sua própria vida" (2014). A forma como cada um sente e vivencia o envelhecimento é crucial. O envelhecimento implica um posicionamento perante os outros e perante nós mesmos, é uma experiência humana essencial e transversal a todas as culturas. Augé faz uma observação interessante a este respeito - enquanto o tempo é possibilidade de projeção, para o passado e para o futuro, ou seja, é liberdade, a idade representa constrangimento. Existe uma dissonância entre tempo e idade: a idade é uma fatalidade trágica, o tempo são possibilidades em aberto. Augé, dedica ainda parte da sua reflexão ao ofício do ator quando confrontado com esta evidência: "Como os seus papéis vão mudando, ele tem sempre uma experiência inédita: vive o novo sem se repetir"(Augé, 2014).

Objetivos e Metodologia:

De acordo com Strang (2009), os antropólogos têm vindo a envolver-se num trabalho que procura "examinar como a velhice é imaginada e experimentada por diferentes grupos, o que as pessoas pensam sobre o envelhecimento, que tipo de atividades empreendem e como interagem com as outras gerações". O envelhecimento como objeto de estudo, não corresponde apenas a uma fase de declínio biológico e psicológico; contributos como os de Margaret Clark, ajudam-nos a enveredar por uma análise do envelhecimento como um fenómeno situado, um processo interativo, socialmente incorporado, que implica a adaptação a contextos socioculturais específicos. O envelhecimento, como fenómeno biológico, psicológico e social, nas formas como se manifesta, nos seus significados e representações pessoais e sociais, na forma como é percebido pelo próprio e pelos outros, nas questões de justiça social implicadas, abrem um vasto leque de possibilidade de análise.

Considerando as questões de partida atrás apresentadas, desenham-se alguns objetivos. Um deles é **Reconhecer nas histórias de vida dos elementos da 'Companhia Maior' elementos que permitam: analisar o impacto do envelhecimento no trabalho do ator e identificar formas de reconhecimento no corpo e no trabalho do ator da passagem do tempo no envelhecimento.** As narrativas que cada um elabora sobre si mesmo podem ser reveladoras na medida em que permitem a emergência de elementos mais subtis. Citando Randall e McKim (2008), "A narrativa não é apenas uma analogia útil para o modo como as coisas estão dentro de nós. É assim que as coisas são." Este abordagem inclui aquilo que os participantes

dizem, as suas experiências, atitudes, crenças, pensamentos e reflexões, tal como são expressadas pelos próprios. Esses relatos autobiográficos contribuem também para **apreender aspetos distintivos do envelhecimento consoante o género**. Este objetivo surge por força de muitos estudos concluírem que "há mais propensão para as mulheres sofrerem de discriminação pela idade, como resultado da sua aparência" (Clark, 2012). A amplificação e difusão de imagens veiculada pelos *media* nas diversas formas de espetáculo, criam estereótipos para o envelhecimento de homens e de mulheres. Esta ideia conduz-nos ainda a outro objetivo: **comparar os usos do corpo envelhecido no teatro com outras áreas de performance mediatizadas**. Walter Benjamin, num momento da história muito particular e sombrio, marcado pelo surgimento de tecnologias de reprodução técnica, leva-nos a refletir sobre arte, considerando que uma peça de teatro conserva a sua "aura" e autenticidade ao contrário do cinema: "Na medida em que restringe o papel da 'aura', o cinema constrói artificialmente, fora do estúdio, a 'personalidade do ator'; o *star-system*, que favorece o capitalismo dos produtores de cinema e cuja magia é garantida pela personalidade que, já de há muito, reduziu-se ao encanto corrompido do seu valor de mercadoria." (Benjamin, 1992). De uma forma mais abrangente, pretende-se **analisar o processo de envelhecimento no contexto das sociedades contemporâneas ocidentais**, seguindo a inquietação de Le Breton (2013), "Se a existência é uma história de pele" envelhecer, para a maior parte dos Ocidentais, é proceder a um lento trabalho de desinvestimento de si, de retirada progressiva da sua presença no mundo, de encerramento numa "espécie de território animal onde o simbólico é residual". É agora necessário justificar as opções metodológicas para a prossecução destes objetivos de investigação, no seio da antropologia. Sendo a antropologia fundamentalmente empírica, esta assenta na recolha de dados no terreno, que neste caso é a 'Companhia Maior', à qual vamos dirigir esta pesquisa; a especificidade metodológica da antropologia permitirá procurar e recolher registos etnográficos para uma análise comparativa das variações pessoais, sociais e culturais nas conceções do envelhecimento. É a situação particular dos atores da "Companhia Maior" que será descrita e analisada, tomando como eixo os seus pontos de vista, não excluindo a diversidade de sensibilidades e de perceções no seu interior, revelando assim as implicações do envelhecimento para as relações que estabelecem consigo mesmos, entre si, e com o seu trabalho. Para tal irei aceder ao contexto de trabalho dos atores, durante o processo de preparação dos espetáculos e conhecer os percursos biográficos destes artistas, percorrendo aqui outro eixo analítico que procurará

clarificar como foram experienciadas as transformações físicas ao longo das suas carreiras profissionais, através das suas histórias de vida, entendidas como "a vida narrada pelo próprio" (Pardal e Lopes, 2011).

Será um trabalho de campo numa perspetiva de observadora participante, uma vez que através da participação que se produz um entendimento mais aprofundado da realidade estudada, o que implica estar com os outros, para os compreender melhor, enquadrando a sua vida ao contexto de análise (Pole e Hillyard, 2016). Chegando ao terreno com o olhar disponível para aquilo que este poderá oferecer para além do que foi inicialmente pensado, prevê-se que gradualmente este se torne mais focado e estruturado em função do tema de pesquisa. Serão levadas a cabo entrevistas individuais com cada um dos elementos da companhia. De acordo com Pole e Hillyard (2016), a entrevista não estruturada ou semiestruturada representa um método privilegiado na recolha de dados, sobretudo no contexto de recolha de histórias de vida. Fará parte das entrevistas a análise de fotografias, material de arquivo ou documentos noutros suportes, que possa levar os entrevistados ao confronto com as mudanças físicas que os seus corpos sofreram, bem como o acesso a aspetos das suas histórias de vida muito focados nas transformações ocorridas ao longo do tempo. Os documentos pessoais, e mais concretamente as fotografias escolhidas pelos próprios, constituem uma importante fonte de dados para a investigação, nomeadamente para a elaboração dessas histórias de vida. O termo mais comum para se referir a esta metodologia de entrevistas com fotografias, é designado de 'photo elicitation interviewing' (Pink, 2013). A autoria deste método qualitativo é atribuída a John Collier. Uma entrevista conduzida através do comentário de fotografias, implica a escolha das fotografias 'certas' de modo a gerarem uma conversa interativa e significativa. Estas conduzem-nos a um conhecimento que seria difícil de obter unicamente por recurso a uma narrativa sem imagem; as fotografias quando estrategicamente escolhidas, podem gerar interesse, ajudar a refletir, propagar questões e gerar discussões. Elas contêm factos mas também evocam memórias que são material crucial na construção das histórias de vida, como uma via de acesso privilegiado a domínios do passado já esquecidos ou inconscientes. Esta é uma forma de aceder às histórias de vida em profundidade, as quais ocupam um lugar central nesta etnografia, proporcionando a recolha de reflexões dos sujeitos, falando por si mesmos, acerca daquilo que se pretende investigar. Os autores Blommaer e Jie (2010), alertam para as dificuldades que podem surgir quando analisamos narrativas: "os significados que as pessoas produzem não são todos explícitos, não podem ser

todos "lidos" das suas palavras; eles precisam ser extraídos, escavados" - será esse o trabalho do antropólogo. Todo o conhecimento recolhido numa etnografia, está intimamente ligado às conversas que aconteceram durante o trabalho no terreno - "O conhecimento etnográfico não existe independentemente dessas conversas" (Campbell e Lassiter, 2015). Isto remete-nos para questões não apenas teóricas, mas também de ordem ética e legal que será necessário esclarecer e salvaguardar através do consentimento expresso dos participantes logo no momento do primeiro encontro com o grupo.

Está também prevista uma entrevista exploratória no início do trabalho de campo com o Diretor do teatro, e uma outra entrevista com o coletivo de atores sendo esse o momento de pedir aos elementos da companhia que respondam a um inquérito por questionário, que são uma "forma rápida e eficaz de obter informação" (Bell, 2010). Este é um método auxiliar cujo objetivo é captar o perfil dos elementos da companhia: quem são os seus membros, percurso profissional, perfil social, etário, académico, história clínica, etc. Apesar de estarmos perante uma pesquisa de pequena escala, o inquérito serve o propósito de recolher dados que permitirão planear a etapa subsequente, ou seja, as entrevistas individuais.

Os meios de registo no momento da observação que me parecem mais ajustados serão, caso seja autorizada, meios audiovisuais nos momentos de entrevista, e o registo de dados observados em diário de campo durante o processo de conceção dos espetáculos (ensaios).

Por fim, quanto à análise de dados, é de sublinhar que esta etapa decorrerá paralelamente ao processo de pesquisa, não sendo uma etapa ulterior que acontece apenas no final, uma vez que podem apontar a indicar aspetos subestimados no início da investigação. "A análise envolve a transformação e a interpretação de dados qualitativos para captar as complexidades do mundo social que buscamos compreender" (Pole e Hillyard, 2016). Concretamente, no que diz respeito ao processo de análise das entrevistas, oportunidade privilegiada para a recolha de dados, devemos proceder a uma análise gradual durante o tempo em que estas vão acontecendo: "o que se pede ao investigador quando lida com narrativas é a capacidade de estruturar dados da entrevista numa forma que apresente claramente um sentido de princípio, meio e fim" (Bell, 2010).

CRONOGRAMA

	Data	Tarefa
2018	setembro	<ul style="list-style-type: none"> • Reunir com a direção da "Companhia Maior" para planificar as etapas do trabalho de investigação. • Expor os objetivos do projeto junto do coletivo dos artistas que integram a companhia e esclarecer todas as dúvidas quanto ao que vai acontecer e durante quanto tempo. • Pesquisa bibliográfica. • Estruturar questionários; estruturar as entrevistas.
	outubro	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar entrevista exploratória com o diretor da companhia. • Entrevista de grupo; aplicar questionários individuais. • Observar e registar o processo de trabalho do grupo. • Pesquisa bibliográfica.
	novembro	<ul style="list-style-type: none"> • Tratamento de dados e análise dos resultados dos questionários. • Entrevistas individuais. • Observar e registar o processo de trabalho do grupo. • Pesquisa bibliográfica.
	dezembro	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas individuais. • Observar e registar o processo de trabalho do grupo. • Análise das entrevistas individuais. • Redação – revisão da literatura.
2019	janeiro	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas individuais. • Observar e registar o processo de trabalho do grupo. • Redação – revisão da literatura.
	fevereiro	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas individuais. • Observar e registar o processo de trabalho do grupo. • Análise das entrevistas individuais. • Redação.
	março	Redação
	abril	Redação
	maio	Redação
	junho	Redação
	julho	Conclusão, introdução, bibliografia, índice
	agosto	Revisão final

Bibliografia:

- . Almeida, M.,V. (1997), "*Corpo Presente*", Oeiras: Celta Editora
- . Augé, M., (2014), "*Une Ethnologie de soi. Le temps sans âge*", Paris: Seuil
- . Baudrillard, Jean (1991), "*Simulações e Simulacros*", Antropos, Lisboa,: Relógio d'Água editores.
- . Baudrillard, Jean (2011), "*A sociedade de consumo*", Arte & Comunicação, Lisboa: Edições 70.
- . Bauman, Zygmunt (2017), "*A arte da vida*", Antropos, Lisboa: Relógio d'Água editores.
- . Bauman, Zygmunt (2007), "*Modernidade e Ambivalência*", Antropos, Lisboa: Relógio d'Água editores.
- . Bauman, Zygmunt (2006), "*Amor Líquido*", Antropos, Lisboa: Relógio d'Água editores.
- . Bell, J., (2010), "*Como realizar um projeto de investigação*", Gradiva: Lisboa
- . Benjamin, Walter, (1992), "A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica", in *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Antropos, Lisboa: Relógio D'Água Editores
- . Blaxter, L., Hughes, C., e Tight, M., (2006), "*How to research*", Open University Press
- . Blommaert, J., Jie, D., (2010), "*Ethnographic Fieldwork: a beginner's guide*", Multilingual Matters
- . Campbell, E., Lessiter, L. E., (2015), "*Doing Ethnography today: theories, methods, exercises*", Wiley Blackwell
- . Carvalho, Dias, A. (2012), "*Antropologia da exclusão ou do exílio da condição humana*", Porto: Porto Editora
- . Chambers, D. (2012), "Sexist Ageing Consumerism and Emergent Modes of Resistance", in "*Aging, Performance, and Stardom: Doing Age on the Stage of Consumerist Culture*", ed. por Swinnen, A., Stotesbury, J., Münster: LIT
- . Clarke, L. H, (2011), "*Facing Age Women Growing Older in Anti-Aging Culture*", Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, Inc.
- . Connerton, Paul (2014), "*How Societies Remember*", Cambridge: Cambridge University Press
- . Debord, Guy, (2012) "*A sociedade do Espetáculo*", Lisboa: Antígona
- . Dufour, Dany-Robert (2003), '*L'art de réduire les têtes'. Sur la nouvelle servitude de l'homme libéré à l'ère du capitalisme total*', Paris: Denoel

- . Gil, J., (1997), "*Metamorfoses do corpo*", Lisboa: Relógio D'Água
- . Goffman, Erving (1993), "*A apresentação do eu na vida de todos os dias*", Lisboa: Relógio D'Água
- . Halwachs, M. (2004), "*Los Marcos Sociales de la memoria*", Barcelona: Antropos
- . Holstein, M. e Minkler M. (2007) "Critical gerontology: reflections for the 21st century" in "*Critical Perspectives On Ageing Societies*", ed. por Bernard, M. e Scharf, T., Bristol: Policy Press
- . Jankélévitch, V. (2015), "*La mort*", Champs essais, Paris: Flammarion
- . Jankélévitch, V. (2013), "*Penser la mort*", Paris: Liana Levi Piccolo
- . Kaplan, A., (2012), "The Unconscious of Age: Performances in Psychoanalysis, Film, and Popular Culture" in "*Aging, Performance, and Stardom: Doing Age on the Stage of Consumerist Culture*", ed. por Swinnen, A., Stotesbury, J., Münster: LIT
- . Lakoff & Johnson (1999), "*Philosophy in the Flesh. The embodied mind and its challenge to western thought*", New York: Basic Books
- . Lakoff & Johnson (2003), "*Metaphors we live by*", Chicago: The University of Chicago Press
- . Le Breton, David, (2007), "*L'adieu au corps*", Paris: éditions Métailié
- . Le Breton, David (2013), "*Anthropologie du corps et modernité*", Paris: PUF
- . Pardal, L., Lopes, E. S., (2011), "*Métodos e Técnicas de investigação social*", Areal Editores: Porto
- . Perkinson, M., e Solimeo, S. (2014) "*Aging in Cultural Context and as Narrative Process: Conceptual Foundations of the Anthropology of Aging as Reflected in the Works of Margaret Clark and Sharon Kaufman*", (disponível online em <https://academic.oup.com/gerontologist/article/54/1/101/562907>)
- . Pink, S. (2013), "*Doing Visual Ethnography*", London: Sage Publications
- . Pole, C., Hillyard, S., (2016), "*Doing Field Work*", London: Sage Publications
- . Randall, W., e McKim, E., (2008), "*Reading Our Lives: The Poetics Of Growing Old*", New York: Oxford University Press
- . Strang, V. (2009), "*What Anthropologists do*", Oxford: New York